

Samuel Beckett

Passos

Trad. Fábio de Souza Andrade

MAY (M), cabelo grisalho revolto, camisola cinza puída, encobrendo os pés, arrastando no chão.

Voz de mulher (V), vinda do fundo do palco, às escuras.

Área do vaivém: no primeiro plano, paralela ao fosso, comprimento de nove passos, largura de um metro, um pouco deslocada à direita da plateia.

$$\begin{array}{c} d e d e d e d e d \quad \leftarrow \\ \{E \text{ ————— } D\} \\ \rightarrow e d e d e d e d e \end{array}$$

Vaivém: começando com o pé direito (d), da direita (D) para a esquerda (E), e com o pé esquerdo (e), da esquerda (E) para a direita.

Meia-volta: para a direita em E, para a esquerda em D

Passos: claramente audíveis e ritmados.

Iluminação: fraca, fria, mais intensa junto ao chão, menos sobre o corpo, menos ainda na cabeça. Foco tênue sobre o rosto durante as paradas em D e R. Ao fundo, à esquerda, um raio vertical estreito (R), 3 metros de altura.

Vozes: ambas baixas e lentas do começo ao fim.

Cortina. Palco no escuro.

Um único som de sino, breve e fraco. Pausa, enquanto o eco morre.

Luz cresce lentamente até iluminação fraca, inclusive R. O resto no escuro.

M aparece, dirigindo-se a passos lentos para E. Faz a volta em E, caminha mais três extensões, para, de frente em D.

Pausa.

M: Mãe.

(Pausa)

(Não mais forte) Mãe. (Pausa)

V: Fale, May.

M: Estava dormindo?

V: Um sono profundo. (Pausa.) Ouvi você em meu sono profundo. (Pausa.) Não há sono tão profundo que me impeça de ouvir você.

(Pausa. M recomeça. Quatro extensões.)

(Da segunda vez, em sincronia com as passadas.) Sete oito nove volta. (Da terceira vez, da mesma forma.) Sete oito nove volta. (Da quarta vez.) Não quer tentar mais um cochilo?

(M para, de frente em D. Pausa.)

M: Quer sua injeção, de novo?

V: Quero, mas é cedo demais.

M: Quer que eu a vire de lado?

V: Quero, mas é cedo demais.

(Pausa.)

M: Que eu arrume os travesseiros?

(Pausa.)

Troque seu forro?

(Pausa.)

Passe o urinol?

(Pausa.)

A bolsa de água quente?

(Pausa.)

Cuide das suas feridas?

(Pausa.)

Que a molhe com a esponja?

(Pausa.)

Umedeça seus pobres lábios?

(Pausa.)

Reze com você.

(Pausa.)

Por você?

(Pausa.)

De novo.

(Pausa.)

V: Quero, mas é cedo demais.

(Pausa. M recomeça. Uma extensão. Para, de frente em E. Pausa.)

M: Quantos anos já tenho...agora?

V: E eu, então?

(Pausa.)

(Sem ser mais alto) E eu, então?

M: Noventa.

V: Tanto assim?

M: Oitenta e nove, noventa.

V: Tive você bem tarde. (Pausa.) Na vida. (Pausa.) Me desculpe...de novo.

(Pausa.)

(Sem ser mais alto) Me desculpe...de novo.

(Pausa.)

M: Quantos anos tenho agora?

V: Mais de quarenta.

M: Só isso?

V: Receio que sim.

(Pausa. M recomeça)

(Quatro extensões. Depois da primeira volta em D.)

May.

(Pausa.)

(Sem ser mais alto) May.

M: (Durante a terceira extensão) Fale, mãe.

V: Nunca vai acabar?

(Pausa.)

Você nunca vai acabar? De remoer isto tudo?

M: (Parando de frente para D) Isto?

V: Tudo isto. (Pausa.) Na sua cabeça infeliz. (Pausa.) Tudo isto. (Pausa.) Tudo isto.

(Pausa. M recomeça. Uma extensão. A luz se apaga lentamente, exceto R. M para em D, no escuro.

Pausa longa.

Som de sino, um pouco mais fraco. Eco.

Um pouco mais fraca, a luz volta. M reaparece, imóvel, de frente em D. Pausa.)

V: Vago por aqui agora. (Pausa.) Melhor, venho e permaneço ... a postos. (Pausa.)

Ao cair da noite (Pausa.) Ela se imagina sozinha. (Pausa.) Vejam como se

mantém, tão tensa, encarando a parede. Quanta rigidez! Tão impassível,

aparentemente! (Pausa.) Deixou de sair ainda menina. (Pausa.) Não saiu mais

desde menina! (Pausa.) E está onde, talvez alguém pergunte. (Pausa.) Ora, na

velha casa, a mesma onde ela começou. (Pausa.) Onde isto começou. (Pausa.) Isto tudo começou. (Pausa.) Este, esta, isto...mas quando isto começou? (Pausa.) No tempo em que as meninas da sua idade ficavam lá fora, brincando... de amarelinha, ela já estava aqui. (Pausa.) Nisto. (Pausa) O chão deste lugar, hoje sem nada, antes era –

(M recomeça. Passadas um pouco mais lentas. Quatro extensões. Durante a primeira extensão.)

Admiremos o seu porte, em silêncio.

(Perto do fim da segunda extensão.)

Quanta elegância na meia-volta!

(Em sincronia com os passos, durante a terceira extensão) Sete, oito, nove, volta.

(M para, de frente em D.)

Dizia, pois, que este chão, agora sem nada, já foi coberto por tapetes, tapetes espessos. Até que, uma noite, ainda quase uma menina, ela chamou pela mãe e disse, Mãe, assim não basta. A mãe: Não basta? May – o nome de batismo da criança – May: Não basta. A mãe: O que você quer dizer, May, com não basta, o que afinal você pensa que está dizendo, May, com não basta? May: Quero dizer, mãe, que preciso escutar meus pés, por mais tênues que soem. A mãe: O movimento apenas não basta? May: Não, mãe, o movimento apenas não basta, preciso escutar os pés, por mais tênues que soem.

(Pausa. M recomeça. Seis extensões. Durante a segunda extensão)

Será que ela dorme ainda, talvez alguém pergunte. (Durante a terceira extensão.)

Dorme, algumas noites, ela dorme, adormece um nada, apoia a cabeça infeliz

contra a parede e dormita um pouco. (Durante a quarta extensão.) Fala ainda?

Fala, algumas noites, ela fala, quando imagina que ninguém pode ouvir. (Durante

a quinta extensão.) Diz como foi, tenta dizer como foi. (Pausa.) Tudo isto. (No começo da sexta extensão.) Tudo isto.

(A luz se apaga lentamente, menos R. M para, no escuro, de frente em D.

Pausa longa.

Som de sino ainda mais fraco. Eco.

Um pouco mais fraca ainda, a luz volta. M reaparece, imóvel, de frente em D.

Pausa.)

M: Epílogo (Pausa. Recomeça. Passos ainda mais lentos. Depois de duas extensões, para, de frente para D. Pausa.) Pouco tempo depois, quando estava completamente esquecida, começou a – (Pausa.) Pouco tempo depois, quando era como se nunca houvesse sido, pôs-se a vagar. (Pausa.) Ao cair da noite. (Pausa.) Deslizava para fora, ao cair da noite, na direção da igreja, até a porta norte, sempre trancada àquela hora, e vagava, de lá para cá, de lá para cá, ao longo do pobre braço salvador. (Pausa.) Certas noites, ela estacava, como que paralisada, por um sobressalto espiritual, e lá ficava, fixa e aferrolhada, até recuperar os movimentos. Mas muitas também foram as noites em que caminhou sem descanso, de lá para cá, de lá para cá, antes de sumir como tinha aparecido.(Pausa.) Sem um som. (Pausa.) Nenhum som audível, pelo menos. (Pausa.) O semblante. (Pausa. Recomeça. Duas extensões. Para, de frente em D.) O semblante. Tênuo, mas de forma alguma invisível, sob uma certa luz. (Pausa.) À luz adequada. (Pausa.) Cinza, mais do que branco. Cinza pálido. (Pausa.) Em farrapos. (Pausa.) Um emaranhado de farrapos. (Pausa.) Um emaranhado tênue de farrapos cinza pálido. (Pausa.) Vejam como ela passa – (Pausa.) Vejam como

ela passa, à frente do candelabro, como suas flamas, a sua luz, tal qual a lua que vela um vapor. (Pausa.) Ei-la, portanto, recém saída, vagando, de lá para cá, de lá para cá, ao longo daquele pobre braço. (Pausa.) Ao cair da noite. (Pausa.) Em algumas estações do ano, quer dizer, na hora das vésperas. (Pausa.) Fatalmente. (Pausa. Recomeça. Uma extensão. Para, imóvel, de frente em E. Pausa.) A velha sra. Winter, de quem o leitor deve se lembrar, a velha sra. Winter, uma tarde, um domingo ao final do outono, tendo se sentado à mesa com a filha, de volta do culto, depois de algumas garfadas a contragosto, descansou os talheres e baixou a cabeça. Que foi, mãe, diz a filha, menina muito estranha, não tão menina mais, para dizer a verdade...(voz comovida)...terrivelmente in - ...(Pausa. Voz normal.) Que foi, mãe, não está se sentindo bem? (Pausa.) A sra. W. não respondeu de pronto. Finalmente, ergueu a cabeça, encarou Amy – o nome de batismo da filha, como o leitor deve se lembrar – ergueu a cabeça, encarou Amy no fundo dos olhos e disse - (pausa) – e murmurou, encarou Amy no fundo dos olhos e murmurou, Amy. (Pausa. Sem ser mais alto.) Amy. (Pausa.) Amy: Fale, mãe. Sra W.: Amy, você notou alguma coisa... de estranho nas vésperas? (Pausa.) Amy: Não, mãe, nada. Sra. W.: Talvez eu esteja só imaginando coisas. Amy: O que exatamente seria, mãe, que a senhora talvez tenha apenas imaginado? (Pausa.) O que exatamente seria, mãe, esta coisa estranha... que a senhora talvez tenha apenas imaginado notar? (Pausa.) Sra. W.: Você mesma não notou nada...de estranho? Amy: Não, mãe, eu mesma não notei nada, para dizer pouco. Sra. W.: O que você quer dizer, Amy, para dizer pouco, o que afinal você pensa que está dizendo, Amy, para dizer pouco? Amy: Quero dizer, mãe, quando digo que não notei nada...de estranho de fato digo pouco. Porque não notei nada, de estranho ou não. Não vi nada, não ouvi nada, de espécie alguma. Eu não estava lá. Sra. W.: Não estava? Amy: Não estava. Sra. W.: Mas eu ouvi você respondendo. (Pausa.) Ouvi você dizendo: Amém. (Pausa.) Como poderia ter respondido, se não estava lá? (Pausa.) Como poderia ter dito: Amém, se não estava lá, como afirma? (Pausa. Em tom de salmo.) O amor do Senhor e a comunhão do Espírito Santo nos acompanhem, agora e para sempre. Amém. (Pausa. Voz normal.) Ouvi você, distintamente. (Pausa. Recomeça. Uma extensão. Depois de cinco passos, para, de perfil. Pausa longa. Recomeça. Para, imóvel, de frente em D. Pausa longa.) Amy. (Pausa. Sem ser mais alto.) Amy. (Pausa.) Fale, mãe. (Pausa.) Nunca vai acabar?(Pausa.) Você nunca vai acabar? De remoer isto tudo? (Pausa.) Isto? (Pausa.) Tudo isto. (Pausa.) Na sua cabeça infeliz. (Pausa.) Tudo isto. (Pausa.) Tudo isto.

(Pausa. A luz se apaga lentamente, menos R.

Escuridão total.

Pausa longa.

Som de sino ainda mais fraco. Eco.

Um pouco mais fraca ainda, a luz volta.

Nenhum sinal de May. Dez segundos.

A luz se apaga lentamente, inclusive R. Escuridão total.

Pano.